Boletim Informativo

Discentes PPGA/UFPA

Ano I | Num. 2

Boletim Informativo

Discentes PPGA/UFPA

Bimestral – Outubro/Novembro 2017

Ano I | Número 2

Editores

Ney Gomes

Daniel da Silva Miranda

Nesta Edição

Editor Responsável

Daniel da Silva Miranda

Capa

Naiara Jinknss

Docentes Colaboradores

Fabiano Gontijo

Discentes Colaboradores

Ariana Kelly da Silva

Bruna Raissa Cruz Caldas

Daniel da Silva Miranda

Maria de Nazaré Barreto Trindade

Ney Gomes

Victória Ester Tavares da Costa

Colaboradores Externos

Naiara Jinknss

Nesta Edição

Sumário

EDITORIAL 3

PALAVRAS DA REPRESENTAÇÃO DISCENTE NA CONGREGAÇÃO 6

MEMÓRIA PPGA 7

UMA ETNOGRAFIA POÉTICA - RECIFE/PE 19

ESTÁGIO SANDUÍCHE FORA DO BRASIL: POSSIBILIDADES E EXPERIÊNCIA. 23

III SEMINÁRIO DE BIOANTROPOLOGIA DO PPGA 28

SEMINÁRIO INTERNACIONAL ANTROPOLOGIA EM FOCO VI – O FAZER ANTROPOLÓGICO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA 32

CHAMADAS DE EVENTOS 36

CHAMADAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS 41

EDITORIAL

Caros colegas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFPA) é com muito carinho que chega até vocês a segunda edição de nosso Boletim Informativo - Discentes PPGA/UFPA.

Ao alcançar seu segundo número, nosso Boletim vê-se inspirado pela poderosa maturidade editorial encontrada na *Revista Amazônica*, fato que nos trouxe a responsabilidade de encontrar equilíbrio ao *self* de nosso periódico ante a esta experiência antropofágica.

Mantivemos assim seu caráter em favor da partilha de experiências acadêmicas; do fortalecimento de nossa colegialidade e de aprofundamento das descobertas acerca de nosso Programa, como bem definiu Ney em nosso primeiro volume. Devoramos de nossa musa inspiradora alguns de seus refinados elementos estéticos, afim de uma melhor apresentação aos leitores, sem negar futuras alterações. Juntos, estes pontos e seus resultados têm parecido ser os melhores meios para manter este espaço de publicação e, por valerem a pena, os continuaremos produzindo, devorando e buscando fortalecê-los para dar continuidade a este periódico.

Sentimo-nos assim à vontade para partilhar também do horizonte de expectativas que movem nossas ações. Atualmente temos pretendido nada menos que a consolidação de um novo lugar para publicação de entrevistas, relatórios de campo, ensaios fotográficos, resenhas e outras publicações acadêmicas, frutos das inspiradas vidas e sensibilidades dos discentes de nosso PPGA.

Todavia, não pretendemos competir com os espaços já existentes, – e estes são muitos! – o que temos em mãos é uma proposta para a ampliação destas oportunidades, só que com certa clareza: *aqui há uma dedicada atenção à prata da casa*.

Deste modo é também necessário reconhecermos que este trabalho ainda está no *porvir*, trata-se de uma meta ainda a ser conquistada, mas como em sonhos não nos damos conta da distância a ser percorrida. Preferimos nos ater aos passos já conquistados e comemorar estas pequenas [mas significativas] vitórias.

E quanto a grande meta? O que posso dizer é que para a alcançarmos já notamos que serão necessárias muitas mãos a mais para tecer esta costura entre sonho e realidade. Lançamos então o convite a você, caro colega, para junto conosco trabalhar na concretização coletiva deste projeto, pois, o que nos parece, é que só uma caminhada coletiva será garantia da consolidação destas intenções, seja na forma de crítica, sugestão ou elaboração de seção. Enfim, como dissemos, é preciso uma tessitura forte, realizada por várias mãos.

Deste modo apresentamos as metas do presente número, voltados à elaboração dos elementos que serão a base identitária de nosso periódico: a escolha definitiva de seu nome; os elementos visuais que lhe darão forma; a estruturação de suas seções; a política editorial, enfim, ainda estamos em meio ao estabelecimento dos meios que garantirão que esta inciativa tenha condições de ser passada adiante.

A imagem que estampa a capa da presente edição foi produzida pela lente da fotógrafa paraense *Naiara Jinkenss,* tornando-se assim a primeira colaboração ao Boletim de alguém externo ao programa.

Naiara roubou o voo da garça do mundo real, capturando-o e tornando-o representação escrita na luz, no tempo e no instante subtraído por suas sensibilidades fotográficas. Eternizou a garça em seu movimento de voo, durante as horas iniciais do dia na Pedra do Peixe, do Ver-o-Peso. Trazendo-nos mais que o voo, partilhando um testemunho do fenômeno da vida no *Veropa*, por entre as territorialidades de cheiros e esquinas de trocas que se formam na dinâmica daquele lugar.

Deixo aqui minha profunda gratidão à Naiara, pois sem pedir nada em troca lançou mão ao convite e de maneira muito amável cedeu seu registro para compor nossa capa.

Em nossa primeira edição tivemos a inauguração da seção *Memória PPGA*, um espaço criado com o objetivo de publicar algumas palavras, experiências e memórias de atores importantes que vivenciaram ou vivenciam o nosso programa. Ao mantermos sua continuidade, pretendemos dar condições ao deleite na memória de processos que consolidaram e consolidam esta iniciativa antropológica na Amazônia.

Neste número, ante a recente nota 5 alcançada na avaliação quadrienal da CAPES, sentimos a necessidade de que se produzisse uma reflexão a respeito. Deste modo, contamos nesta seção com a gentil contribuição do *Prof. Fabiano Gontijo*, proporcionando-nos um minucioso esclarecimento a respeito não somente da nota e dos seus impactos no programa, mas de como se constitui tal processo de avaliação.

Contamos ainda com a colaboração de alguns de nossos bons colegas de Programa. Amigos e amigas que toparam partilhar conosco a procura pela melhor forma de apresentar este periódico a você.

Maria de Nazaré Trindade nos brinda com uma poesia intérprete da vida nos instantes que estiveram *entre* o sabor da chegada e os sons da partida de Recife, durante o 5º Congresso Nacional de Educação. Nazaré flana pelos territórios da memória conseguindo materializá-la em seus versos, convidando-nos a espiar sua experiência.

Ariana Kelly da Silva em entrevista a *Ney Gomes,* elabora uma partilha agradável acerca de sua sua experiência no Estágio Sanduíche, fora do Brasil. Como não haveria de ser, aponta também excelentes sugestões e dicas para os que desejam alcançar esta oportunidade.

Bruna Caldas e *Victória Costa* nos levam por suas letras a experimentar alguns dos eventos que fizeram parte da programação do III Seminário de Bioantropologia da UFPA, realizado pela equipe de colegas do Laboratório de Estudos Antropológicos em Saúde e Meio Ambiente (LEBIOS/PPGA).

Desta forma nosso Boletim indica crescimento, agora cada vez mais abraçado pelas contribuições de docentes, discentes e outros colaboradores, todos interessados em fazer este Boletim crescer. E para continuar crescendo precisará de mais contribuições. *Aqui, você tem um espaço. Ocupe-o!*

Desejamos assim que em cada folha que segue possa haver contribuições e indicações de caminhos que tornem este Boletim lugar de afetos; lugar de partilha.

Um grande abraço, boa leitura.

Daniel Miranda

Editor Responsável

PALAVRAS DA REPRESENTAÇÃO DISCENTE NA CONGREGAÇÃO

Desde a publicação de nosso último Boletim, houve mais 03 reuniões da congregação do IFCH tratando de pautas e assuntos diversos. No seguinte link: <http://ifch.ufpa.br/index.php> você encontrará as atas e convocatórias para as reuniões da congregação que nos fizemos presentes. Frisamos também que as reuniões são abertas à participação de todas as pessoas que compõem a comunidade acadêmica do IFCH, ocorrendo geralmente na última quinta-feira do mês, sempre pela manhã. Tais ocasiões demonstram-se importantíssimas pois, para além das decisões que lá são tomadas, muito colaboram para a compreensão de como se constrói a vida em nosso Instituto.

Admoestamos ainda, que todas as pessoas do corpo discente do PPGA têm liberdade para encaminhar a nós quaisquer demandas que julguem ser passíveis de discussão na instância da congregação.

Um grande abraço.

Ney Gomes

Daniel Miranda

Representantes Discentes na Congregação do IFCH

MEMÓRIA PPGA

ALGUNS SIGNIFICADOS DA AVALIAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO: O PPGA, A CAPES E A AMAZÔNIA.

Fabiano Gontijo[1]

Em setembro, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) anunciou os tão esperados resultados da avaliação quadrienal (2013-2016) dos Programas de Pós-Graduação brasileiros. Foi com imensa satisfação que o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) recebeu a notícia de que o conceito teria passado de 4 para 5, numa escala que vai até 7. Mas, o que significa esse conceito? O que significa esse conceito para a comunidade que forma o PPGA? O que significa esse conceito para a Amazônia? Para tentar responder a essas perguntas, é preciso entender primeiramente o funcionamento do sistema de avaliação da CAPES e, em seguida, a força que o PPGA tem na/para a Amazônia.

A CAPES (http://capes.gov.br) é uma fundação do Ministério da Educação, criada em 1951, que tem por objetivos, dentre outros, os de avaliar a pós-graduação *stricto sensu* no Brasil (Mestrado Acadêmico, Mestrado Profissional e Doutorado) e de investir na formação de recursos humanos de alto nível (através do fomento). Para poder avaliar a pós-graduação, a CAPES criou um sistema de diretrizes e normas para credenciar, financiar e manter os

[1] Fabiano de Souza Gontijo é Doutor em Antropologia Social pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, França. Atualmente é Vice Coordenador e Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Áreas de interesse: Sexualidade; Rituais Contemporâneos; Culturas Urbanas; Ruralidades; AIDS, Saúde Pública e Sociedade; Patrimônio Cultural; Arqueologia Pública e Colaborativa.

Programas de Pós-Graduação (PPGs) e, assim, apreciar, a partir de um conjunto de critérios definidos em diálogo constante com os representantes desses programas, o desempenho e os impactos da pós-graduação no Brasil.

Para que um PPG *stricto sensu* possa funcionar e ter o seu diploma reconhecido pelo Ministério da Educação, é preciso ser credenciado pela CAPES. O credenciamento se dá através dos Aplicativos de Propostas de Cursos Novos (APCN) da CAPES e passa por algumas etapas: 1) a proposta de curso novo é encaminhada por via eletrônica a CAPES, 2) enquadrada em uma área de avaliação (por exemplo, Antropologia/Arqueologia é a área de avaliação na qual o PPGA/UFPA está enquadrado), 3) admitida por atender aos requisitos mínimos da área de avaliação em questão (em conformidade com o documento da área de avaliação), 4) analisada por mérito e, enfim, 5) aprovada no Conselho Técnico-Científico da Educação Superior da CAPES (CTC-ES). Os conceitos mínimos para o início de funcionamento de um PPG com Mestrado é 3 e, com Doutorado, 4. Um PPG começa a funcionar com recursos orçamentários repassados pela CAPES às Pró-Reitorias de Pós-Graduação das Instituições de Ensino Superior, inclusive com certo número de bolsas para os/as estudantes do PPG. Um PPG pode também receber recursos de agências de fomento à pesquisa e à pós-graduação federais, estaduais e até mesmo municipais ou regionais, além de órgãos governamentais diversos e de instituições privadas.

Uma vez em funcionamento, o PPG deve estar cadastrado na Plataforma Sucupira[2], o portal que serve como canal direto entre o PPG e a CAPES. É através da Plataforma Sucupira que os PPGs encaminham anualmente à CAPES todos os tipos de dados sobre o seu funcionamento para viabilizar o acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos pelos PPGs e a avaliação quadrienal. A estrutura dos critérios de avaliação é a mesma para as 49 áreas de avaliação (agrupadas em três Colégios – Ciências da Vida; Ciências Exatas, Tecnológicas e Multidisciplinares; e Humanidades), qual seja: (1) P**roposta do Programa**; (2) **Corpo docente**; (3) **Corpo discente, teses e dissertações**; (4) **Produção intelectual**; e (5) **Inserção social**. O peso máximo de cada item na avaliação é pré-estabelecido pela Diretoria de Avaliação (DAV) e pelo CTC da CAPES. O item de maior peso, em geral, é a produção intelectual (algumas áreas colocam os itens (3) e (4) com o mesmo peso, como é o caso da área de Geociências). Para a área de Antropologia/Arqueologia, o item (1) tem peso 0; o item (2), peso 20; o item (3), peso 30; o item (4), peso 40; e o item (5), peso 10. Cada área de avaliação define, em seguida, o que será particularmente relevante para a avaliação da área em cada item especificamente. Por exemplo, para algumas áreas, a produção intelectual em livros é de baixo impacto ou de relevância nula; logo, essas áreas não valorizam as publicações em livros, pontuando melhor as publicações em periódicos. Para outras áreas, a produção artística é de grande relevância, ao passo que a produção em periódicos e livros tem menor impacto; sendo assim, serão mais valorizados os produtos artísticos da área.

Os critérios de avaliação estão disponíveis no *documento de área*[3]. No documento de Antropologia/Arqueologia, têm-se os seguintes critérios: (1) na **proposta do Programa**, são avaliados a consistência das áreas de concentração, linhas de pesquisa, projetos e proposta curricular; o planejamento do Programa; e a infraestrutura; (2) em **corpo docente**, são avaliados o perfil do corpo docente; a dedicação dos/as docentes; a distribuição das

[2] Cf. <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/index.xhtml>

[3] O documento da área de Antropologia/Arqueologia pode ser acessado em: http://www.capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4650-antropologiaarqueologia

atividades de pesquisa e formação entre os/as docentes; e a contribuição dos/as docentes para as atividades de pesquisa e/ou ensino na graduação; (3) em **corpo discente, teses e dissertações**, são avaliadas a quantidade de teses e dissertações defendidas no período de avaliação em relação ao corpo docente e à dimensão do corpo discente; a distribuição das teses e dissertações defendidas em relação aos/às docentes do Programa; a qualidade das teses e dissertações e da produção de discentes autores/as; e a eficiência do Programa na formação de mestres e doutores/as bolsistas; (4) em **produção intelectual**, são avaliadas as publicações qualificadas do Programa; a distribuição de publicações qualificadas em relação ao corpo docente; a produção técnica considerada relevante; e a produção artística, se houver; e, finalmente, (5) em **inserção social**, são avaliadas a inserção e o impacto regional e/ou nacional do Programa; a integração ou cooperação com outros Programas e centros de pesquisa; e a visibilidade dada pelo Programa a sua atuação.

A avaliação se dá em duas (ou três) etapas. A primeira etapa consiste na análise dos dados de cada Programa por uma comissão definida pelos coordenadores da área de avaliação. Em 2017, a comissão de Antropologia/Arqueologia, composta por 11 docentes de PPGs em Antropologia e/ou Arqueologia das mais diversas regiões do Brasil, se reuniu, sob a presidência dos Profs. Russell Parry Scott (UFPE, Coordenador da área de Antropologia/Arqueologia durante o quadriênio) e Jorge Eremites de Oliveira (UFPel, Coordenador-Adjunto da área), na primeira metade de julho, em Brasília, para analisar os dados enviados pelos 29 PPGs[4] que compõem a área (perfazendo um total de 29 cursos de Mestrado e 17 cursos de Doutorado).

Uma segunda etapa consiste na análise dos dados dos Programas que já obtiveram conceito 6 ou 7 ou que possuem condições de passar de 5 para 6. Aqui, é importante falar um pouco do que representam, no sistema de avaliação da CAPES, os conceitos 6 e 7. Esses conceitos são concedidos aos PPGs considerados pela área de avaliação e pelo CTC como de excelência nacional ***e*** internacional – principalmente, internacional. Sendo assim, o principal critério para a concessão desses conceitos é a internacionalização. Para entrar no grupo dos PPGs de excelência em Antropologia/Arqueologia, a área leva em conta alguns indicadores: (1) a capacidade do PPG em recrutar discentes de outros estados e países; (2) a presença de egressos/as do PPG como docentes em outros PPGs no país ou no exterior; (3) a força da colaboração, da cooperação e dos convênios do PPG com outros PPGs no país e no exterior; (4) a presença de docentes do PPG na presidência ou na diretoria de associações científicas e na liderança de projetos interinstitucionais; (5) a participação de docentes do PPG em conselhos e entidades nacionais públicas e/ou privadas de interesse social; e, enfim, (6) a promoção de consultorias e assessorias que viabilizem a implementação de políticas públicas voltadas para populações em situação de vulnerabilidade. Após a análise dos dados de todos os PPGs, a área analisa especificamente a situação dos PPGs com conceito 6 e 7 e aqueles com potencial para subir de 5 para 6.

A terceira etapa consiste na análise das recomendações de conceitos encaminhadas pela comissão de avaliação de cada área ao CTC. Em reunião, o CTC decide, então, se seguirá as recomendações das áreas totalmente ou parcialmente. Em 2017, o CTC desconsiderou parte das recomendações da área de Antropologia/Arqueologia, rebaixando um bom número de PPGs (inclusive, alguns que tinham conceito 7 para 6 e outros que tinham

[4] Não foram levados em consideração para essa avaliação os PPGs criados em 2016 e que começaram a funcionar em 2017.

conceito 6 para 5). Os PPGs com conceito 6 e 7 recebem recursos de forma diferenciada, em relação aos demais PPGs; assim, quando um PPG é rebaixado de 6 para 5, há uma considerável diminuição nos recursos designados ao PPG, dentre outras consequências que podem prejudicar o bom funcionamento do PPG. Após a divulgação dos resultados, os PPGs que se sentem de alguma forma descontentes com a avaliação podem recorrer da decisão do CTC – nesse caso, uma nova comissão de avaliação da área é designada para analisar os casos de solicitação de reconsideração.

Em resumo, a CAPES é o órgão do Ministério da Educação encarregado de credenciar e financiar a pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Para acompanhar o desempenho dos PPGs, o órgão estabeleceu um sistema de avaliação. Embora a estrutura de critérios da avaliação seja a mesma para as 49 áreas que compõem o sistema, cada área estabelece, dentro da estrutura, a relevância específica de cada critério para cada área. O sistema faz uma distinção muito nítida entre os PPGs com conceitos 3 a 5 e os PPGs com conceitos 6 e 7, esses últimos considerados de excelência nacional ***e*** internacional.

Agora, sim, podemos refazer as perguntas iniciais e buscar respostas: o que significa esse conceito 5? Já sabemos o que representa, em termos avaliativos, o conceito 5. Ao final do triênio 2010-2012, a área de Antropologia/Arqueologia era composta por seis PPGs com conceito 3; nove com conceito 4; seis com conceito 5; dois com conceito 6; e três com conceito 7, perfazendo um total de 26 PPGs. Ao final da primeira rodada da avaliação quadrienal de 2013-2016[5], a área estava composta por sete PPGs com conceito 3; dez com conceito 4; nove com conceito 5; dois com conceito 6; e um com conceito 7, perfazendo um total de 29 PPGs. Nota-se, entre as duas avaliações, (1) um aumento no número de PPGs na área (alguns PPGs nem entraram na avaliação quadrienal porque foram aprovados em 2016); (2) um aumento no número de PPGs com conceitos 3, 4 e 5; (3) uma diminuição no número de PPGs com conceitos de excelência máxima; (4) de modo geral, embora tenha havido uma queda no número de PPGs de excelência máxima, houve um incremento considerável dos PPGs muito bons, inclusive com uma distribuição regional cada vez mais acentuada. O PPGA foi um dos dois únicos PPGs cujo conceito subiu de 4 para 5 (os demais PPGs com conceito 5 já tinham esse conceito e permaneceram na mesma situação ou foram rebaixados de 6 para 5, o que significa que, dentre os PPGs com conceito 5, o PPGA demonstrou **crescimento real e efetivo**, juntamente com o PPG em Antropologia Social da UFRN. Note-se uma expressiva melhoria dos conceitos de PPGs situados nas regiões Norte e Nordeste, colocando-se o PPGA na liderança da região Norte.

De forma geral, o PPGA obteve avaliação muito boa em todos os critérios ("muito bom" é a nota máxima em cada um dos cinco conjuntos de critérios): (1) o Programa tem uma proposta adequada à área, sendo o único no Brasil a proporcionar formação em três (ou quatro) dos "quatro campos" tradicionais da Antropologia, o que foi muito bem avaliado; (2) o corpo docente é diversificado, demonstrou empenho com o Programa, desenvolveu projetos de pesquisa e atuou na graduação, ao longo do período de avaliação; (3) embora a quantidade de teses e dissertações defendidas no Programa ao longo do quadriênio não tenha sido suficientemente elevada para a obtenção da nota máxima, todos/as os/as docentes orientaram dissertações e teses, a qualidade dos trabalhos finais foi muito boa e o tempo de

[5] Dois esclarecimentos: 1) em setembro de 2017, foram divulgados os resultados da primeira rodada de avaliação, ou seja, anterior aos resultados das reconsiderações, que serão divulgados somente no final de 2017 ou no início de 2018; 2) as avaliações eram trienais até 2013, quando passaram a ser quadrienais.

formação de discentes é mais do que satisfatório; (4) a produção intelectual (qualificada) de docentes foi relevantemente volumosa e a produção discente foi a mais elevada do Brasil, embora não tenha havido produção artística e a produção em livros precise ser aumentada; e, enfim, (5) a inserção social do Programa se adequa perfeitamente às necessidades da região.[6] Esses elementos já ajudam a entender a importância do conceito 5 para a comunidade do PPGA e para a Amazônia.

O que significa esse conceito para a comunidade que forma o PPGA? Para subsidiar a resposta, é preciso entender um pouco o surgimento do PPGA, a quem o Programa atende e quem ele formou[7]. O Programa nasceu a partir da necessidade, sentida por um grupo de docentes da UFPA e pesquisadores/as de instituições parceiras, de criar um PPG apto a abarcar as áreas de Arqueologia e Bioantropologia, entendidas como importantes para atender às demandas bem particulares da Amazônia, mas inexistentes em Programas de Pós-Graduação na região (e até mesmo no Brasil). Posteriormente, o projeto amadureceu para a criação de um PPG de Antropologia no modelo americano, ou seja, que englobasse os "quatro campos" do conhecimento antropológico tradicional, a saber, a Arqueologia, a Bioantropologia, a Linguística Antropológica ou Antropologia Linguística e a Antropologia Social. A proposta foi apresentada e discutida num Simpósio Internacional intitulado *Antropologia em Foco: Campos Interdisciplinares para o Estudo do Outro*, apoiado pela CAPES e realizado em 2008, do qual participaram pesquisadores/as estrangeiros/as e brasileiros/as de renome. No evento, foi lançada a *Amazônica: Revista de Antropologia*, com acesso livre na internet.

Aprovado pela CAPES em 2009, o PPGA iniciou suas atividades em agosto de 2010, com a primeira turma, tendo sido feitas desde então mais sete seleções gerais, além de duas seleções especiais, uma realizada em junho de 2014, para criar uma única turma de Doutorado no Campus de Breves da UFPA, no Arquipélago de Marajó, e outra em novembro de 2014, para atender à demanda específica da área de Bioantropologia. Todos os editais de seleção do Programa, desde o início de suas atividades, preveem reserva de vagas especiais e/ou cotas para políticas afirmativas para pessoas indígenas, negras, deficientes e para servidores técnico-administrativos da UFPA, além de quilombolas (inovação do edital que está atualmente em vigor).

O Programa se propõe a formar antropólogos/as para atuação principalmente na Amazônia, com a preocupação de proporcionar uma formação ampla em Antropologia, com enfoque nos "quatro campos" tradicionais do conhecimento antropológico. Além disso, o corpo docente diversificado dialoga com a História, a Filosofia, a Sociologia, o Direito, as Letras, as Artes, a Museologia, a Biologia, e a grande área da Saúde. O PPGA ainda se destaca por sua abertura internacional, tendo em vista o trânsito de seu corpo docente em instituições

[6] O relatório da avaliação quadrienal da área de Antropologia/Arqueologia pode ser acessado no link: <http://www.capes.gov.br/images/documentos/Relatorios_quadrienal_2017/RELATORIO_QUADRIENAL_ANTROPOLOGIA.pdf .>
A ficha de avaliação específica do PPGA ainda não está disponível para acesso público (por enquanto, somente a Coordenação do PPGA teve acesso à ficha e já disponibilizou a todos/as os/as docentes e discentes do Programa via e-mail).

[7] A partir daqui, reproduzirei algumas informações retiradas diretamente dos dados que foram encaminhados à CAPES, via Plataforma Sucupira, e que serviram para a avaliação do PPGA.

acadêmicas nos Estados Unidos, na Europa, nas Américas do Sul e Central e na África lusófona, com a realização de cooperações para a pesquisa, o ensino, a extensão e a inovação.

Quanto aos egressos, dentre os/as mestres titulados/as pelo Programa, alguns (mas) estão cursando o curso de Doutorado. Os/As demais mestres atuam sobretudo como pesquisadores/as e/ou consultores/as ou como professores/as e/ou técnico-administrativos/as. Quanto aos/às doutores/as, em sua grande parte, atuam como professores/as do ensino superior (em instituições públicas e privadas), mas também em órgãos governamentais, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ou o Instituto Chico Mendes (ICM-Bio), e instituições federais de pesquisa, como o Museu Paraense Emílio Goeldi. Assim, o PPGA tem titulado mestres/as e doutores/as que atuam na própria Universidade Federal do Pará como docentes ou como técnico-administrativos/as, mas também em outras instituições de ensino superior, como Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade Estadual do Pará (UEPA), Universidade Federal de Tocantins (UFT), Instituto Federal do Pará (IFPA), Universidade da Amazônia (privada), Faculdade Estácio de Belém (privada) e Instituto de Estudos Superiores da Amazônia (privada) ou no ensino básico (Secretarias Estaduais de Educação); alguns/mas egressos/as atuam no magistério em munícipios do interior do Pará na área de etnodesenvolvimento e educação do campo; outros/as atuam como servidores/as públicos/as efetivos/as em programas governamentais de monitoramento arqueológico e educação patrimonial; atuam ainda como pesquisadores/as do Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA) na área de Arqueologia ou prestam consultoria e/ou auxiliam em pesquisas em instituições governamentais ou não-governamentais e privadas, como o *Consórcio Ductor Setepla* de Engenharia e Arquitetura (área de Arqueologia), o *Center for International Forestry Research* de estudos socioambientais (sediado na Indonésia), a UNESCO, a Empresa Peruaçu de Arqueologia, o Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual (INBRAPI), Banco da Amazônia (BASA), em Pontos de Cultura (indígenas e quilombolas, em particular), o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Instituto Chico Mendes (ICM-Bio), o Museu Paraense Emílio Goeldi e, enfim, o Projeto Nova Cartografia Social na Amazônia, dentre outros.

Um exemplo bastante interessante é a formação fornecida pelo PPGA a docentes do curso de Etnodesenvolvimento, da Faculdade de Etnodiversidade do Campus Universitário de Altamira da UFPA. Em 2015, doutorou-se uma docente vinculada àquela Faculdade e, em 2016, duas outras docentes defenderam com êxito suas teses no Programa – essas teses estão vinculadas às áreas de concentração em Antropologia Social e Arqueologia, mas empreendem diálogos prósperos com a Bioantropologia em sua proposta de refletir sobre a relação entre o humano, o meio ambiente e a saúde, sobretudo numa região fortemente afetada pelas consequências sociais diretas e indiretas da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu (tais como migrações, deslocamentos populacionais forçados, processos de desterritorialização, conflitos étnicos, etc). Um docente indígena da mesma Faculdade cursou o Mestrado e atualmente cursa o Doutorado no PPGA. Uma tese de doutorado deve ser defendida em 2018 sobre os impactos da Usina Hidrelétrica de Belo Monte nos contextos social e ambiental do Rio Xingu e um projeto de pesquisa, sob a coordenação de um docente do PPGA, está em andamento sobre a temática, assim como artigos vêm sendo publicados por outros/as docentes do PPGA também sobre o assunto.

Outros/as discentes e egressos/as do PPGA têm-se mostrado muito proativos e empreendedores em suas instituições de filiação, graças a sua formação em Antropologia, como na Universidade Federal do Oeste do Pará, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (onde atuam três discentes egressos/as e uma pós-doutoranda do PPGA), na Universidade Federal do Amapá, na Universidade Federal de Tocantins, na Universidade Estadual do Pará, na Universidade da Amazônia, dentre outras, e na própria Universidade Federal do Pará.

Percebe-se, assim, que o Programa tem papel importante na formação de núcleos e grupos de pesquisa em outras universidades e instituições da Amazônia, seja por meio de parcerias e apoios, seja pela formação de mestres/as e doutores/as que, ao voltar para seus estados ou municípios de origem ou serem aprovados/as em concursos públicos em outras regiões fora de Belém se dedicam a criar ou fortalecer grupos locais de pesquisa e ensino e desenvolver atividades de extensão e inovação.

Enfim, o PPGA/UFPA tem oferecido a discentes oriundos/as de várias partes da Amazônia e de outros estados brasileiros e países, o potencial de, a médio e longo prazo, mudar radicalmente o perfil do/a antropólogo/a e do/a arqueólogo/a e inovando na formação do bioantropólogo/a (e, futuramente, do/a linguista antropológico/a) para atuarem na região, ao inseri-los/las, com formação interdisciplinar, nas mais diversas instituições na Amazônia e alhures. O conceito 5 veio reconhecer a importância desse trabalho de formação e solidariedade e incentivar docentes e discentes do PPGA a continuarem trilhando o caminho traçado.

O que significa, enfim, esse conceito 5 para a Amazônia? Para subsidiar a resposta, é preciso entender o impacto do PPGA na vida social na qual o Programa se insere. Para tanto, o item da avaliação chamado de **inserção social** é, a meu ver, o mais marcante de todos: afinal de contas, para que serve uma formação pós-graduada em Antropologia Social, Arqueologia, Bioantropologia e Linguística Antropológica na Amazônia? Desde a criação do Programa, um dos pontos fortes é sua inserção social, através de atividades de ensino, pesquisa, extensão e inovação. A inserção se dá a partir de propostas dos/as docentes e discentes e eventualmente dos grupos sociais, coletivos, povos e comunidades interessados junto aos quais os/as pesquisadores/as docentes e discentes do Programa vêm realizando suas pesquisas. Aqui vão alguns exemplos da inserção social do PPGA, o que contribui para a compreensão da importância do conceito 5 para a Amazônia:

1) O PPGA reserva anualmente vagas para indígenas, além de objetivar a mobilização, preparação e inserção no ensino superior em níveis de graduação e pós-graduação, via o Programa de Ações Afirmativas para Povos Indígenas e Populações Tradicionais (PAPIT) da UFPA. Os/As discentes indígenas são oriundos/as de aldeias ou cidades nos estados do Pará, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina e Amazonas. Vem ocorrendo busca ativa de candidatos/as indígenas, quilombolas e ribeirinhos, por intermédio dos/as indígenas estudantes da UFPA que pretendem cursar a graduação ou a pós-graduação na instituição, em cursos normativos ou especiais, por intermédio de equipes, denominadas "caravanas do vestibular", feitas a partir da mobilização de recursos e profissionais para apoiar os/as candidatos/as. Docentes e discentes do PPGA prestam assessoria à Associação dos Povos Indígenas Estudantes na Universidade Federal do Pará (AYPEUFPA) na discussão e formulação de propostas para a preparação de editais de Processos Seletivos Especiais (PSE) em níveis de graduação e pós-graduação, bem como

auxilia na conquista de vagas reservadas para indígenas em Programas de pós-graduação. Para reforçar essas atividades voltadas às demandas dos povos indígenas, tem-se incentivado o crescimento da linha de pesquisa sobre Povos Indígenas e Populações Tradicionais (atualmente, o PPGA dispõe de docentes e discentes que pesquisam junto a povos indígenas do Pará, do Mato Grosso, de Rondônia, do Amazonas, do Maranhão e da fronteira Brasil-Colômbia-Peru).

2) No estado do Acre, o grupo de pesquisa Geoglifos da Amazônia, do qual fazem parte docentes e discentes do PPGA, tem prestado assessoria ao governo estadual e ao IPHAN com relação à proteção e à patrimonialização dos geoglifos, importante patrimônio cultural do estado. Desde 2012, vem-se desenvolvendo um projeto de arqueologia comunitária em um sítio arqueológico, com a realização de oficinas em escolas de ensinos fundamental e médio.

3) Em Santarém, grupos de pesquisa liderados por docentes do PPGA têm atuado em conjunto em ações relacionadas à Arqueologia e à Antropologia Social. Por convite dos povos indígenas dos Rios Arapiuns e Tapajós foram realizadas oficinas de produção de histórias e memórias que resultaram em um livro, publicado em 2015, intitulado "Povos Indígenas nos Rios Tapajós e Arapiuns", distribuído em escolas e comunidades juntamente com o livro produzido como resultado das pesquisas arqueológicas (2010-2014), também publicado em 2015, intitulado "Um Porto, Muitas Histórias: Arqueologia em Santarém". Tendo em vista que a cidade de Santarém se assenta sobre um grande sítio arqueológico, que foi, no século XVI, a capital dos tapajó, as histórias de ontem e de hoje sobre os povos indígenas vêm a se completar e será colocada à disposição das comunidades.

4) Ainda em Santarém, foram iniciadas em 2014 as atividades de pesquisa no campo dos estudos da diversidade sexual e de gênero, lideradas por um docente do PPGA, envolvendo discentes de diversas graduações da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), sobretudo do curso de Antropologia e Arqueologia. Dentre as atividades, houve a criação de um seção do Grupo de Pesquisa Sexualidades, Corpo e Gênero (SEXGEN/CNPq) naquela instituição, com 1) reuniões periódicas organizadas por docentes e discentes da UFOPA e da UFPA, 2) a realização de um minicurso sobre os estudos da diversidade sexual e de gênero que contou com a participação de ativistas e militantes dos movimentos sociais locais de homossexuais, em 2014, 3) uma disciplina ministrada para o curso de graduação em Antropologia e Arqueologia, em 2015 (com carga horária de 30 horas) e 4) a organização de um evento junto com a seção local da Ordem dos Advogados do Brasil para promover a discussão sobre os direitos humanos de mulheres e homossexuais, em 2016. A equipe da UFOPA vem prestando assessoria e apoio "informal" ao Movimento Homossexual de Santarém e individualmente a sujeitos homossexuais, bissexuais, transexuais, transgêneros e intersexuais da região, contribuindo para a promoção do acesso aos direitos tanto do grupo como dos sujeitos que se apresentam como tendo sido vítimas de discriminação na região. Em 2015, foram iniciados os diálogos com as lideranças do Movimento Homossexual de Altamira e com discentes do curso de Etnodesenvolvimento do Campus de Altamira que participam do Movimento para viabilizar cursos e assessorias também na região do Rio Xingu.

5) Docentes e discentes do PPGA vêm prestando assessoria às prefeituras e às organizações sociais de alguns municípios das regiões sul e oeste do Arquipélago de Marajó. O PPGA já vinha atuando em Melgaço desde 2008, quando docentes que hoje estão no

PPGA realizaram oficinas de Antropologia, Arqueologia e História com professores/as da rede pública de ensino básico para a produção de dois livros didáticos, publicados em 2011 e 2012, amplamente distribuídos, desde então, nas escolas de todos os dezesseis municípios do Arquipélago. A articulação de docentes do PPGA com os/as mais diversos/as representantes dos órgãos municipais da região marajoara levou à criação da turma especial de Doutorado no campus da UFPA de Breves, município mais populoso do arquipélago.

6) Em 2014, o PPGA aprovou a criação de uma turma de Doutorado em Breves, visando a formação de professores/as do campus da UFPA de Breves, mas também com abertura de vagas para a demanda social. A partir dessa turma, docentes do PPGA estão iniciando ou continuando pesquisas de campo na região marajoara e alguns/mas discentes de Belém estão se voltando também para as realidades marajoaras em suas pesquisas de Mestrado e Doutorado. Por exemplo, no primeiro semestre de 2015, incentivados/as por uma disciplina ministrada em parte no Campus local e em parte em uma comunidade ribeirinha no município de Breves, discentes do Doutorado de Breves e de Belém se uniram para promover uma série de atividades na Comunidade visando à promoção dos direitos, à divulgação dos direitos humanos e à reflexão sobre as melhorias das condições de vida locais. As atividades geraram diversas publicações em periódicos.

7) Docentes e discentes do PPGA vêm realizando importantes pesquisas na área de Bioantropologia, envolvendo discentes da graduação, assim como pesquisadores/as estrangeiros/as, sobretudo norte-americanos/as, em diversos pontos do interior do estado do Pará (em particular, nas regiões do Rio Tocantins e da Floresta Nacional de Caxiuanã, no Marajó), o que vem gerando resultados impactantes no que diz respeito ao acesso à saúde por parte de populações quilombolas locais. A partir daí, coordenando a avaliação do Programa de Agentes Comunitários da Saúde no Pará para o Sistema Único de Saúde, um docente do PPGA levou, em 2015 e 2016, discentes do Programa aos mais diversos pontos do interior do estado, sobretudo aos municípios com os piores Índices de Desenvolvimento Humano, o que tem gerado parcerias interessantes com órgãos municipais e organizações não-governamentais do interior do Pará.

8) Através do Projeto "Determinantes Sócio-ecológicos e Biológicos da Obesidade, Diabetes e Hipertensão Arterial em Populações Afrodescendentes da Amazônia: Buscando respostas concretas para a ontogenia de doenças complexas", financiado pelo Ministério da Saúde, CNPq e Fundação Amazônia Paraense de Apoio à Pesquisa (FAPESPA), e coordenado por um docente do PPGA, como parte das atividades do Laboratório de Estudos Bioantropológicos em Saúde e Meio Ambiente (LEBIOS), realizadas em parceria com o Laboratório de Genética Humana e Molecular/UFPA, Secretaria de Estado de Saúde do Pará e Secretarias Municipais de Saúde, têm sido realizadas desde de 2013 ações de assistência médica, prevenção e educação em saúde em populações quilombolas em diversos municípios paraenses. Além das atividades assistenciais e educacionais, os resultados das pesquisas e intervenções levaram à proposição de políticas públicas de saúde mais culturalmente adequadas aos quilombolas e suas demandas específicas. O projeto já gerou trabalhos de conclusão no PPGA e a realização de estágios de doutorado sanduíche no exterior.

9) Considerando que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana apontam a necessidade da criação e disseminação de material técnico que contribua para a

implementação da Lei 10.639/03, um projeto de extensão em forma de exposição coordenado por um docente do PPGA já circulou por diversas escolas do interior e da capital e galerias públicas, desde 2011. A exposição multimídia contendo fotografias, vídeos, músicas e objetos de origem africana e quilombola traz uma experiência antropológica reflexiva sobre diversidade étnico-racial, cultura de paz e tolerância, e valorização da corporeidade e da cultura africana e afro-brasileira, contribuindo para criar formas dinâmicas de implementar o espírito da Lei nas escolas. A exposição foi desenvolvida em parceria com a COPPIR/SEDUC-PA e a Casa Brasil-África da UFPA.

10) A Casa Brasil-África (CBA), atualmente coordenada por um docente do PPGA, foi proposta pelo primeiro Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Amazônia, o Grupo de Estudos Afro-Amazônicos (GEAM), e criada através da Portaria nº 3.313/2006, estando vinculada à Pró-Reitoria de Relações Internacionais da Universidade Federal do Pará (Prointer). A CBA possibilita aos/às estudantes, pesquisadores/as, professores/as da rede pública e privada dos ensinos médio, fundamental e superior, bem como a diversos segmentos da população amazônica, o acesso e a produção de novos conhecimentos em substituição às visões estereotipadas e preconceituosas sobre os/as negros/as e suas origens. Adicionalmente, a CBA é um espaço que permite à população negra e à comunidade estudantil interagir e abordar assuntos os mais diversos, no âmbito das relações étnico-raciais e das relações transatlânticas, contribuindo para a eliminação de preconceitos e discriminações de todas as ordens. O Brasil mantém importante cooperação com países africanos, com destaque para o Programa de Estudantes de Convênio de Graduação (PEC-G). Trata-se de uma atividade do Itamaraty, cujo objetivo é a formação de recursos humanos altamente qualificados, a fim de possibilitar aos cidadãos de países em desenvolvimento, realizar estudos universitários nas Instituições de Ensino Superior brasileiras. Na UFPA, estes/as estudantes são acolhidos/as e apoiados/as pela CBA para bem suceder em seus objetivos acadêmicos, vindo no futuro a colaborar para a melhoria das condições de vida em seus países de origem e, simultaneamente, com sua experiência de vida africana, ao interagir com docentes e discentes da rede pública eles têm contribuído para os objetivos apontados na Lei 10.639/03 no Pará. Além disso, há um considerável interesse em pesquisar temas relacionados à África e às africanidades no Brasil, o que também é apoiado pela CBA. A soma de esforços de docentes brasileiros/as e discentes africanos/as vem sendo estimulada na perspectiva de transformar a visão dominante sobre o continente africano em nossa região. Desde sua fundação a CBA vem trabalhando com representantes de movimentos sociais em apoio às lutas contra o preconceito e o racismo que sofrem os/as africanos/as e os/as afrodescendentes, bem como possibilitando uma maior visibilidade aos estudos sobre as africanidades no Brasil. Através de suas atividades (palestras, seminários, oficinas, cursos, exposições, publicações, website e mídias sociais) a CBA tem contribuído para promover a divulgação da realidade contemporânea da África; para a produção de material educacional através da disponibilização de conteúdos livres via internet (www.casabrasilafrica.org, www.casaafricabrasil.blogspot.com.br/) sobre o continente africano; para a formação de professores/as para a inclusão da questão racial nos ensinos básico, fundamental e médio; e, enfim, para subsidiar a criação de projetos pedagógicos que tornem o currículo escolar mais democrático e ofereçam elementos para a compreensão da contribuição dos povos africanos na formação do Brasil moderno.

11) Docentes e discentes do PPGA, através de suas pesquisas no campo da diversidade sexual e de gênero, dialogam incessantemente com os movimentos sociais de

direitos sexuais e de respeito à diversidade sexual e de gênero piauienses, maranhenses e paraenses, atraindo ativistas para a carreira acadêmica na UFPA e também na UFOPA, em Santarém (onde funciona uma seção do grupo de pesquisa liderado por um docente do PPGA). Assim, em 2015, uma travesti e um homossexual ativistas iniciaram o curso de Ciências Sociais na UFPA para fazer pesquisas e, eventualmente, cursar, no futuro, a pós-graduação no PPGA. Em 2017, outros/as ativistas estão se preparando para a seleção do PPGA.

12) Uma docente do PPGA vem desenvolvendo, no âmbito do Projeto Nova Cartografia Social, juntamente com a Universidade do Estado do Amazonas e outras instituições de ensino e pesquisa brasileiras e de países amazônicos, latino-americanos e africanos, uma série de atividades junto às mais diversas comunidades vulnerabilizadas, geralmente em conflito com grandes projetos e empreendimentos de desenvolvimento, atividades que visam ao empoderamento e à promoção dos direitos. As atividades têm como objetivo a produção de cartilhas ou pequenos livros que servem para viabilizar as reivindicações dos povos e comunidades em questão, geralmente indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, pescadores, sindicalistas rurais e pequenos agricultores.

13) Os projetos desenvolvidos por uma docente do PPGA e a equipe interdisciplinar da qual faz parte, composta por brasileiros/as e estrangeiros/as vinculados/as a diversas instituições de ensino e pesquisa nacionais e internacionais, no âmbito do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, vêm gerado produtos que são de forte relevância para a manutenção da reserva de desenvolvimento sustentável Mamirauá, no Amazonas, e para o empoderamento e a promoção dos direitos das comunidades ribeirinhas e indígenas envolvidas.

14) A atuação de uma docente do PPGA nos campos da Arqueologia Pública, da Arqueologia Colaborativa e da Arqueologia Contemporânea vem servindo para incrementar as discussões, nos órgãos e empresas responsáveis pelas pesquisas e licenciamentos que necessitam de arqueólogos/as sobre a necessidade de se incluir, nas pesquisas arqueológicas, os sujeitos e comunidades envolvidos pelos projetos, uma demanda dos/as agentes promotores dos Direitos Humanos.

15) As pesquisas do um docente do PPGA na área de Arqueologia Histórica, embora sejam iniciais na Amazônia, já vêm produzindo dados de relevância e uso social, como a sua participação no vídeo-documentário "Pistas e Provas da Escravidão no Pará" produzido pela Comissão da Verdade da Escravidão Negra no Brasil da Seção Pará da OAB e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do IFPA, a ser distribuído em escolas da rede pública. E também a sua participação no III Congresso Nacional de Diversidades e Questões Etnicorraciais. Suas pesquisas relacionadas à escravidão vêm sendo amplamente divulgadas na região e têm servido para amparar boas discussões de cunho identitário no âmbito da reivindicação de direitos de sujeitos, povos e comunidades vulnerabilizados.

16) Desde 2009, a demanda de um povo indígena do nordeste do Pará de assessoria para a sua organização na luta por direitos vem sendo levada em consideração por docentes e discentes do PPGA, através do desenvolvimento de uma série de pesquisas em perspectiva interdisciplinar (Antropologia, Arqueologia, Bioantropologia, Linguística, Saúde, Educação e Direito). Até 2017, um relevante número de trabalhos de conclusão (dissertações e teses) do PPGA já tinha sido defendido sobre as mais diversas realidades do povo em questão.

17) Desde 2016, uma docente do PPGA da área de Arqueologia vem produzindo inúmero filmes etnográficos, em parceria com docentes e discentes do curso de Cinema da UFPA, sobre comunidades vulnerabilizadas, sobretudo comunidades quilombolas e indígenas, que serão disponibilizados a partir de 2017 para contribuir para a promoção do respeito aos direitos das comunidades envolvidas nos filmes (algumas dessas comunidades estão sendo pressionadas em seus territórios pelos avanços das indústrias madeireira e mineradora). A docente vem realizando ainda filmes etnográficos sobre rituais ligados à cultura popular paraense, como aqueles vinculados às religiões de matriz africana e ao carimbó.

18) Enfim, *last but not least*, os eventos organizados em conjunto por docentes, discentes e técnicos/as-administrativos/as do PPGA, tais como o Seminário Internacional Antropologia em Foco, o Seminário anual de Bioantropologia e o curso de extensão Caminhos da Arqueologia, dentre outros muitos, têm reunido contribuído para a divulgação da produção do PPGA não somente junto à comunidade acadêmica local, mas também junto à população paraense como um todo e à comunidade científica nacional e internacional, contando sempre com a participação de diversos agentes sociais da sociedade civil amazônica, ativistas dos movimentos sociais, representantes dos povos indígenas e das populações tradicionais, professores dos ensinos básico, fundamental e médio das redes pública e privada e, sobretudo, pesquisadores de renome nacional e internacional das áreas de Antropologia Social e Cultural, Arqueologia, Antropologia Biológica e Linguística Antropológica.

Dentre tantas outras atividades, percebe-se assim que o conceito 5 foi de grande importância, não somente para a comunidade do PPGA, mas também para a Amazônia e para a continuação da "missão" da UFPA, de modo geral, e do PPGA, em particular: a formação de pesquisadores/as que ajudem a pensar um mundo amazônico melhor. O conceito 5 é o resultado de esforços de todos/as os/as docentes, discentes, técnicos/as-administrativos/as e estagiários/as que atua(ra)m no PPGA e também de todos/as aqueles/as pessoas que, de alguma maneira, em conjunto, foram envolvidos/as nas atividades do Programa, assim como da administração superior da UFPA e das agências de fomento. Se os desafios para se promover esse mundo melhor já pareciam grandes até 2016, eles parecem agora ainda maiores no quadriênio que se inicia, diante do quadro sombrio de desmontes, perdas de direitos, denúncias infundadas, ataques ao funcionalismo e acometimentos ao ensino público superior e à pesquisa. Resistir é preciso. Fazer antropologia é resistir. Assim, os esforços devem ser multiplicados para manter a nossa "missão".

UMA ETNOGRAFIA POÉTICA RECIFE/PE

Maria de Nazaré Moara[8], *dias de muitos sonhos!*

Era 2004. 5º Congresso Nacional de Educação- CONEB em Recife. Tema: Educação, Democracia e Qualidade Social. Lema: Educação não é MERCADORIA!

Impressões do Recife

Uma longa viagem anunciava dias claros e felizes;
Recife velho carrega uma marca indelével de poesia
As ruas repletas de pessoas saudavam o primeiro de maio que se avizinhava...
Nas ruas de Recife um homem fazia "cafuné" na cabeça de alguém
Ofereciam pinturas aos transeuntes.
Tomamos um aperitivo e ficamos ali quietos
A falar da vida e observar os passantes.
Parte do Recife velho é frequentado pelas "elites locais"
São bares mais caros, com música ao vivo na rua

[8] Maria de Nazaré Barreto Trindade é Doutoranda em Antropologia com ênfase em Antropologia Social na UFPA/2017. Mestra em estudos Literários (PPGL). Áreas de interesse: Identidade; Cultura; Memória e Literatura negra.

Outra parte é frequentada por assim dizer pelas classes menos favorecidas.

E nós, ai de nós, onde nos localizaríamos?

Sentamos à mesa de um bar qualquer entre estes territórios.

A noite calma destilava seu hálito quente sobre nossas cabeças.

Recife em 2 de maio

Uma brisa suave soprou quando cruzava a Estrada de Belém.

Meu rosto umedeceu com o orvalho do dia amanhecido às 5h

São dias mais longos esses do verão.

Parece que o tempo se espraia e abre mil possibilidades de conhecer, viver!

A rua está calma neste primeiro domingo de maio.

Não sinto saudades, apenas uma leve ausência de rios e olhares distantes.

A praça está silenciosa. Muitas pessoas caminham, sorriem, espreitam

Na esquina da rua principal um sorriso me saudou com um entusiasmado bom dia.

A partir de então foram mais ou menos uns vinte bons-dias

Oh! Linda! Olinda

Tem algo de deveras poético nesta cidade

Captei uma leveza, uma solidão. Própria de lugares fugazes.

A Igreja da Sé, o Mosteiro de São Bento impõe-se em meio à paisagem.

Ao longe a orla de Olinda cheira a caranguejo.

As pessoas felizes tomavam um delicioso banho de mar.

O vento soprava forte, os homens afoitos diziam gracejos a nossa passagem.

Caminhávamos em meio ao centro histórico com toda a leveza que isso pode significar.

Escutando atentas ao guia.

Vislumbrando cada pedaço de chão como pedaço de história

A história deve fazer os seres humanos felizes!

No encontro entre tantos estados do Brasil

Nos diferentes dialetos e socioletos.

Algo nos irmana,

Talvez a confiança e a certeza de dias melhores e felizes neste país!

Talvez a busca de tentar compreender esse momento delicado para nós que fomos pedras fundantes dos governos de esquerda.

Chico de Oliveira falou...

Recife, três de maio

Caminhei pela manhã. Propriamente às seis horas.
Uma vez que o sol já dera o ar de sua graça desde as cinco.
A praça do hipódromo fica a uns dois quilômetros de onde estou hospedada. Ali a prefeitura de Recife desenvolve um trabalho chamado "academia da cidade".
Conversei com os estagiários sobre o projeto.
Lá mesmo medem a pressão arterial, batimento cardíaco, orientam os alongamentos. E observam as pessoas em sua caminhada, orientando os exercícios.
Depois seguimos para o mercado São José, onde se espraiam artesanatos, expressões culturais fortes dessa população do Nordeste.
Cuja seca, fome e solidão não deixaram apagar traços de uma rica cultura que insiste em viver.
À tarde saí sozinha.
O campus estava alvoroçado! Pessoas aqui e ali discutiam as preferências das mesas.
Fui escutar Frigotto, também conhecido como "frigato".
Educação num pais de transformações, tendências, políticas afirmativas eram alguns dos temas.

Recife, 4 de maio

Amanheceu com uma chuvinha fina. A universidade estava em polvorosa. Mesas polêmicas ocorreram pela manhã.
Pablo Gentilli situou a educação no contexto do governo de esquerda que todos nós ali construímos.
As perspectivas de reformas no ensino superior e na educação básica, segundo ele,

Não rompem com modelos já experimentados.

Apesar disso, disse ele: *"Hoje não devemos ter medo de ter esperança".*

Pablo Gentilli e eu, após a mesa sobre política educacional

À tarde participei de uma mesa sobre o custo-aluno
Depois segui para a casa onde encontrei amigos

Seguimos então para o Recife Velho.

A *terça negra* é uma programação do Movimento Negro Unificado
Que ocorre no pátio da igreja de São Pedro.
Pessoas de todas as tribos, todas as idades.
Encontram-se para festejar, beber, comer e dançar aos ritmos da negritude.

Provei axé- cachaça com cravinho e canela

Dancei ao som do afoxé. Senti-me energizada.

Na praça risos, maconha no ar, corpos leves movimentando-se

Ao som inebriante do batuque. Adorei.....

Recife, 5 de maio

Final do congresso de educação. Depois do encerramento, partimos para Porto de Galinhas no ônibus da delegação do Pará.

Foram quase duas horas de viagem. É um lugar maravilhosamente belo!!

Saímos de jangada na direção das piscinas naturais, verdadeiros aquários no meio do mar.

Peixinhos de várias espécies passeavam entre nós num festival de cores e diversidade...

Área de preservação- lugar lindo. A contemplação é necessária num lugar assim.

Fiquei ali a olhar pela primeira vez para o mar que se estendia verde aos meus olhos.

Desfilava ondas e convidava ao banho!

Fiquei com gosto de sal. Fiquei com gosto de sol.

Dançamos e cantamos ao ritmo do Nordeste.

Mais tarde voltamos a Recife

Recife velho se preparava para o 10º festival de serestas

A ciranda de roda nos levou a girar:

"Essa ciranda quem nos deu foi Lia que mora na areia de ....."

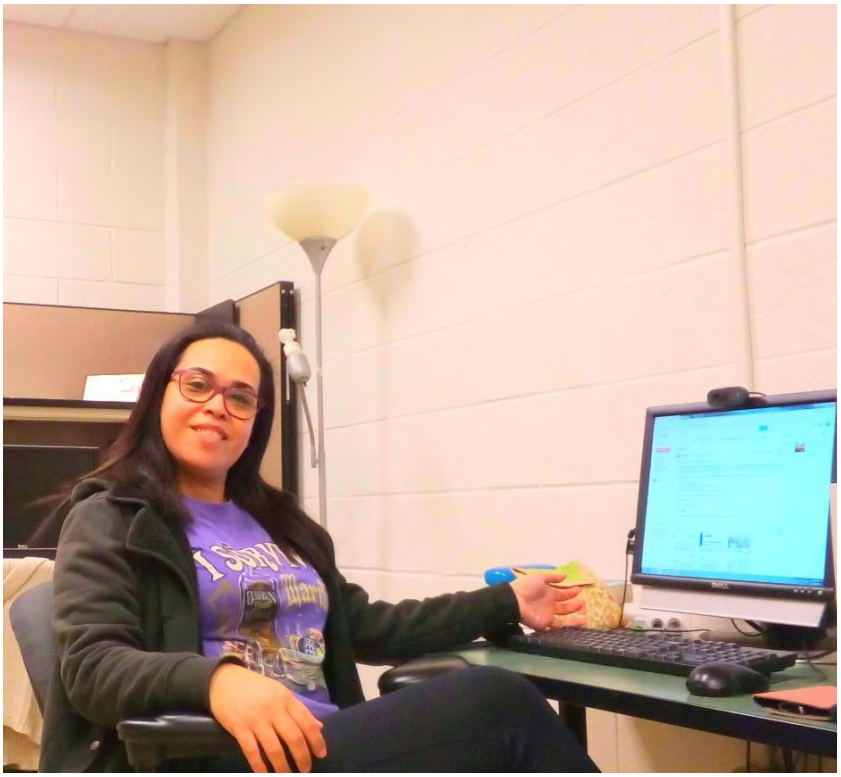
ESTÁGIO SANDUÍCHE FORA DO BRASIL: POSSIBILIDADES E EXPERIÊNCIA.

Ney Gomes[9]

Muitos de nós, principalmente os que estão cursando o doutorado, nos perguntamos sobre as possibilidades de conseguir fazer parte de nossas pesquisas fora do Brasil, ou mesmo de ter a experiência de trocas com pesquisadores em outras partes do mundo. Para este número de nosso informativo lhes trago a experiência de uma de nossas discentes de doutorado: Ariana da Silva.

À época que entrei em contato com a Ariana ela estava ainda na Flórida (EUA). Abaixo temos um perfil da doutoranda e a seguir um pouco da experiência dela, desde a seleção no Brasil, passando pela aceitação da Universidade Americana, até conseguir a bolsa junto a CAPES e os trâmites todos que se seguiram.

[9] Ney Gomes é Mestre em *Servizi educativi dei Musei* (UNICATT – Itália), Mestre e Doutorando em Antropologia com ênfase em Arqueologia UFPA/2017. Suas áreas de interesse são: Arqueologia Histórica, Educação Patrimonial, Antropologia Visual e da Imagem, Etnografia Visual e Urbana.



Ariana em seu escritório na USF, Tampa, Flórida, EUA.

Ariana Kelly L. S. da Silva é formada em Ciências Sociais (UFPA), e entre especialidades e outros cursos de formação, fez o Mestrado em Bioantropologia aqui no PPGA, onde também cursa o doutorado, sendo da turma de 2014.

A formação em Bioantropologia no Brasil não é muito difundida e Ariana foi a 1ª aluna a ter formação de mestrado nesta área, estudando Doença Falciforme, pesquisa que dá prosseguimento no doutorado; na Linha de Pesquisa "Socioecologia da Saúde e da Doença", onde seu orientador é o Prof. Dr. Hilton P. da Silva. O título de sua pesquisa de tese é: "*A Doença Falciforme na Amazônia: As Intersecções entre Identidade de Cor e Ancestralidade Genômica no Contexto Paraense*". Ariana conta que o título mudou um pouco desde a seleção em 2013, como é normal, de resto, para muitos de nós. Para esta pesquisa ela optou por não escrever uma tese tradicional, mas apresentar seus dados em artigos, uma possibilidade dentro do PPGA.

Quando conversamos por e-mail Ariana estava nos EUA, na cidade de Tampa, Estado da Flórida, fazendo um estágio de Doutorado Sanduíche desde maio de 2017, na *University of South Florida – USF*, especificamente no *Applied Biocultural Laboratories*, que é o laboratório de uma das ênfases do Curso do Programa de Pós-Graduação em Antropologia na USF. Sua tutora na universidade americana é a Profa. Dra. Lorena Madrigal, que atualmente é do Comitê Executivo da *American Anthropology Association*, além de ter uma profunda e extensa pesquisa sobre hemoglobinopatias, como a Doença Falciforme, objeto de estudos de Ariana.

Quando procurei Ariana, uma de minhas principais perguntas era sobre como escolher um lugar, e como conseguir o contato de um professor fora do Brasil. Sobre isso Ariana me descreveu sua trajetória de como chegou a Professora Madrigal e à USF. Desde o

Mestrado no PPGA, o Prof. Hilton e ela já aventavam a possibilidade de um estágio fora do Brasil, mas à época não foi possível. No doutorado, através de uma amiga, ela conseguiu chegar à Profa. Madrigal, com a qual já estava familiarizada depois de ler alguns de seus artigos e o livro dela sobre Antropologia Biológica. Contudo, só foi possível fazer a conexão de estudar nos EUA após alguns contatos por e-mail com a professora. Ariana conta que foi uma corrida, até ter a carta de aceite da professora e depois preparar todas as papeladas para concorrer à seleção de bolsa. Quando saiu o edital de seleção, havia somente uma bolsa e alguns candidatos, logo, mesmo tendo sido classificada, a bolsa teve que ser dividida de modo que cada aluno ficou com apenas quatro meses de estágio. Ariana, contudo, solicitou à sua Tutora, à USF e ao Consulado Americano dois meses a mais, os quais saíram às suas expensas. Avalia que "foi um investimento que valeu muito a pena, sem dúvida alguma!".

Mas quais critérios deveríamos usar para escolher um lugar para fazer um estágio sanduíche? Ariana nos revela os dela: 1. Encontrar alguém disposto a discutir o que pretendia na tese a respeito da Doença Falciforme; 2. A pessoa deveria ser referência nos EUA para que a pesquisa tivesse maior visibilidade; e 3. A infraestrutura ofertada pelo centro de pesquisa. E avalia ter encontrado os três critérios na USF, em Tampa, FL, EUA. A bolsa foi financiada pela CAPES, com 4 meses de estágio e outras despesas de deslocamento.

Com os colegas da USF em um dos momentos de interação dentro do Campus (American Barbecue).

Sobre as etapas até conseguir viajar, que não são poucas e nem fáceis de serem superadas, Ariana nos elenca as principais: 1. Antes de tudo, ser aceita pela Profa. Lorena Madrigal/USF – o que vale para qualquer candidato, precisamos ter uma carta de aceite de um tutor na universidade que nos irá recepcionar; 2. Ser aprovada na seleção de bolsa/aprovação/esperar o dinheiro cair na conta; 3. Pagar as despesas do visto americano, pois esse "traslado e despesas extras" a CAPES não paga (e não é barato, vale lembrar que se exige de brasileiros, que requeiram visto americano, uma entrevista num dos consulados no Brasil – e que a CAPES só deposita o dinheiro depois que este visto for apresentado a ela); 4. A aprovação do visto americano para estudantes, com muitos documentos exigidos, especialmente após a atual gestão (não basta já ter um visto de turista, como alguns de nós temos, é preciso passar por todo o processo novamente para pedir um visto de estudante). 5. Depois de tudo ok, viagem! Daí começa outra luta, "a adaptação à língua inglesa, processo

que leva algum tempo para se abrir os ouvidos e ir se acostumando, para melhorar a compreensão e a comunicação".

Ariana foi para Tampa, com a Tutoria da Professora Madrigal e a orientação do Professor Hilton para, especificamente, "fazer a estatística da tese e aprender mais sobre Doença Falciforme nos EUA, América Latina, África e Brasil (tanto pelos livros, sala de aula, palestras quanto com a Profa. Lorena, que é uma sumidade no assunto)". Ariana conta que "o trabalho é árduo e solitário (...), contudo, esse processo foi excelente para que ela pudesse ter uma melhor aproximação com o que coletou na pesquisa de campo, analisar as porcentagens, frequências e hard data que havia realizado, estudando os questionários, e demais dados". Para ela os resultados foram um aprendizado e tanto!

Ariana nos conta ainda que a infraestrutura da universidade onde está é realmente diferenciada. Tudo muito bem equipado, com salas multimídia, bibliotecas em vários lugares e sobre diversos temas/abordagens, espaços de convivência, cafés, viagens, acesso aos jogos esportivos e nos diz: "apesar de uma partida de Futebol Americano demorar em média 4 horas, é muito jóia assistir, mesmo que não entendas muito as regras". Além de debates, palestras, oportunidade de conhecer pessoas de inúmeras nacionalidades e todas falando inglês, com ou sem sotaques e, talvez, o principal, o acesso a bibliografia dos melhores periódicos científicos do mundo sobre qualquer assunto. Ariana diz ainda que todos os mestrandos e doutorandos da USF tem o seu próprio escritório, o que dá conforto e tranquilidade para estudar. Ela mesma tem uma sala grande que divide com outra colega. Sobre a cidade nos conta: "Tampa é uma cidade linda, litorânea, com diversos entretenimentos e calorenta, tem clima tropical".

Sobre as dificuldades enfrentadas relata que teve duas principais dificuldades: a Língua Inglesa, muito diferente da nossa; e a alimentação, que é basicamente pão, gordura e Coca-Cola, apesar de encontrar comida "saudável", contudo, com preços menos em conta. Nos diz que os demais estudantes americanos são educados e pacientes com os "Latinos", o ambiente acadêmico é tranquilo e cortês, o que a faz se sentir bastante confortável pelos corredores e segura também.

Concluímos nosso papo com Ariana aconselhando vivamente que todos tentem esta experiência de fazer parte de suas pesquisas fora do país. "Basta estudar bastante a língua do país escolhido e guardar um dinheirinho a mais para não depender apenas da bolsa, que apesar de ser um valor regular, pode não cobrir todos os custos. Destaca ainda que "o aprendizado não é apenas cientifico/acadêmico, mas cultural, profissional e humano, porque conviver com pessoas diferentes na mesma sala de aula, de culturas diferentes, com línguas diferentes, etc., é um aprendizado maravilhoso! Eu aconselho muito...".

Agradeço muito a Ariana pela troca maravilhosa... Aconselho a todas as pessoas que procurem um colega que conseguiu fazer um estágio fora do Brasil e se informe mais sobre esta possibilidade; e para todas nós, pessoas que pensam em fazer um estágio sanduíche, abaixo links interessantes:

https://www.daad.org.br/pt/

O DAD - *Deutscher Akademischer Austauschdienst* (serviço alemão de intercâmbio acadêmico) oferece bolsas em diversas modalidades e, em geral, o alemão não é a língua exigida, mas o inglês.

http://fulbright.org.br

A *Fulbright Fundation* oferece bolsas de doutorado sanduíche, com um edital lançado uma vez por ano... talvez uma das mais difíceis seleções, mas, não impossível.

http://www.capes.gov.br/bolsas-e-auxilios-internacionais?view=default

CAPES e Cnpq, também têm editais de bolsa, vale a pena acompanhar o site.

III SEMINÁRIO DE BIOANTROPOLOGIA DO PPGA

Bruna Caldas[10]

Victória Costa[11]

Nos dias 28 e 29 de setembro, foi realizado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH – UFPA) o III Seminário de Bioantropologia do PPGA, cujo tema foi "O lugar da "Bio" na Antropologia". O evento colocou em pauta a particularidade do Programa, cuja base é a antropologia dos quatro campos, único no Brasil. Deste modo, a programação deu lugar a falas sobre interfaces principalmente com a arqueologia e a antropologia social no tocante a diferentes aspectos.

Na quinta-feira, dia 28, após a abertura da programação proferida pelos professores doutores do PPGA Fabiano Gontijo, vice coordenador, e Hilton Silva, organizador do evento, o Prof. Dr. Renato Kipnis apresentou alguns resultados e desenvolvimentos de suas pesquisas realizadas dentro da temática da Paleodieta e a vida na América pré-colonial.

[10] Bruna Raissa Cruz Caldas é Mestranda em Antropologia com ênfase em Antropologia Social na UFPA/2017. Graduada em Ciências Sociais (UEMA). Áreas de interesse: Nova Cartografia Social; Comunidades e Povos Tradicionais; Políticas Públicas; Sociologia do Trabalho.

[11] Victória Ester Tavares da Costa é Mestranda em Antropologia com ênfase em Antropologia Social na UFPA/2017. Graduada em Cinema e Audiovisual (UFPA) e Graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (UNAMA). Áreas de interesse: Temática Audiovisual Amazônica; Antropologia Visual e da Imagem; Etnografia Urbana.

Mesa de abertura – à esquerda Prof. Dr. Renato Kipnis, ao centro Prof. Dr. Hilton Silva e à direita Prof. Dr. Heraldo Maués. Foto: Org. do evento

Posteriormente, os professores Dr. Heraldo Maués, Dr. Renato Kipnis e Dr. Hilton Silva discorreram sobre o tema do evento, o lugar da "Bio" na Antropologia, em uma mesa, na qual comentaram sobre desenvolvimento do campo da Antropologia brasileira e como tal ciência adentrou o espaço acadêmico no estado do Pará.

Dia 29, sexta-feira, a programação contou com a roda de conversa "Bioética e ética na pesquisa", na qual as professoras Drª Renata de Godoy e Drª Érica Quináglia frisaram a importância do trabalho cuidadoso que os profissionais atuantes nestas áreas devem ter, atentando para questões que podem interferir no meio em que pesquisam ou na vida das pessoas que colaboram com os seus estudos.

Roda de conversa "Bioética e ética na pesquisa" – Profa. Dra. Renata Godoy e Profa. Dra Érica Quináglia. Foto: Org. do evento

O Cine Debate levantou discussões sobre a forma como a questão da violência urbana pode afetar uma sociedade, através de um documentário exposto com entrevistas às famílias das vítimas da chacina ocorrida em Belém no ano de 2014, levando-se em consideração as lembranças que elas têm de seus entes, trouxe ainda a reflexão que mesmo após as mortes dos jovens assinados, as famílias continuam sofrendo com os julgamentos sociais que descrevem seus filhos como "marginais" e que determinam quais seriam "as vidas matáveis", fazendo menção aos estudos da autora Judith Butler, citada no debate.

Através do documentário e do debate do público com o professor do PPGA e diretor do filme, Hugo Menezes, foram tecidos comentários sobre como algumas comunidades convivem com a violência, o que reflete a falta de segurança e traz consequências sociais, que são percebidas no campo da saúde, a exemplo, no documentário a piora no estado emocional e consequentemente o agravamento de algumas doenças nas mães das vítimas.

Para finalizar o III Seminário de Bioantropologia do PPGA, o professor Dr. Antônio Carlos Vallinoto, professor da UFPA e coordenador do laboratório de Virologia da UFPA, proferiu a palestra "Paleoepidemologia de agentes infecciosos e migração humana na Amazônia", com dados de suas pesquisas que evidenciam uma relação entre a migração humana e o surgimento de algumas infecções virais como (HIV, HTLV, HCV, HBV e outros).

O evento foi uma realização do Laboratório de Estudos Bioantropológicos em Saúde e Meio Ambiente (LEBIOS) e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), representando uma relevante possibilidade de debate entre os subcampos da Antropologia, em especial, com a Bioantropologia, evidenciando os estudos e trabalhos que estão sendo realizados pelos discentes e docentes do PPGA.

Inseridos na temática "Antropologia Genética e Forense", o professor Dr. Sidney Santos e a professora Drª Ândrea Santos apresentaram suas respectivas pesquisas, assim como os discentes envolvidos em abordagens semelhantes contribuíram trazendo reflexões de suas pesquisas. Em ambos os dias, a programação contou com sessões de apresentações de discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia cuja pesquisa faz parte ou se relaciona com aspectos da Bioantropologia, divididas em duas sessões: "Bioantropologia e Bioarqueologia" e "Antropologia e Saúde".

I Exposição de Evolução Humana da UFPa

Durante o segundo dia do evento foi aberta ao público a I Exposição de Evolução Humana da UFPa, mostrando crânios que representavam diferentes fases dos processos evolutivos, com detalhamento das características de cada um. A exposição contou também com elementos arqueológicos e conteúdo audiovisual, que ajudaram na compreensão do fazer arqueológico voltado para a bioantropologia e processos evolutivos.

I Exposição de Evolução Humana da UFPa. Foto: Org. do evento

SEMINÁRIO INTERNACIONAL ANTROPOLOGIA EM FOCO VI – O FAZER ANTROPOLÓGICO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

Ney Gomes

De 24 a 26 de outubro tivemos a realização do mais importante evento acadêmico do PPGA, o *Antropologia em Foco*, que neste ano focou nas possibilidades de resistência advindas do fazer antropológico – e quem estava presente na conferência de abertura, proferida pelo Professor Alfredo Wagner, bem pode perceber que a contemporaneidade se apresenta como um campo onde a Antropologia "vai à guerra". Neste ano, além do Professor Alfredo Wagner – da UEA, tivemos a Dra. Joanna Troufflard – da Universidade da Flórida e o Professor Estevão Fernandes – da Universidade Federal de Rondônia, apresentando as conferências magistrais e mediando mesas que nos proporcionaram diversas reflexões sobre o fazer antropológico em nossos diversos campos de atuação. O Antropologia em Foco foi o seminário que apresentou o programa, podemos dizer que faz parte da gênese do PPGA. O primeiro seminário ocorreu em 2009, como a professora Denise nos relatou no número anterior e ano que vem teremos a sétima edição… dado a importância do Antropologia em Foco, no próximo número iremos preparar uma matéria especial sobre ele, na seção memória PPGA.

Abaixo algumas imagens para nos trazer à saudade do que passou e o anseio pelo próximo seminário. Lembrando que o Antropologia em Foco é exclusivo para apresentação

de trabalhos dos discentes do PPGA e sempre buscando um caráter internacional, além de ser um fórum importante para discussões que extrapolam a sala de aula. Foi muito bom ver a participação de tantos colegas, e o envolvimento na tarefa de dar êxito ao evento.

Conferência Magistral – Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida. Foto: Victória Costa

Roda de conversa: Direitos dos povos indígenas e comunidades tradicionais e novas configurações identitárias da Amazônia.
Da esquerda para a direita: Prof.a Dra. Rosa Acevedo Marín, Profa. Dra. Katiane Silva, Prof.a Dra. Beatriz Matos, Prof. Dr. Alfredo Wagner de Almeida, Prof.a Dra. Francilene Parente.
Foto: Victória Costa

Roda de Conversa: Ética, Escrita e Retorno no Fazer Antropológico
Da esquerda para a direita: Doutorando Gustavo Moura, Prof.a Dra. Eliana Teles Rodrigues, Prof. Dr. Ernani Chaves, Prof.a Dra. Érica Quináglia
Foto: Victória Costa

Roda de Conversa: Comida, cultura e bem viver no contexto de povos indígenas e povos tradicionais.
Da esquerda para a direita: Prof. Dr. Flávio Barros, Prof.a Dra. Júlia Otero e Prof. Dr. Hilton Silva
Foto: Victória Costa

Roda de Conversa: Discussões sobre Linguística Documentação e Inclusão
Da esquerda para a direita: Prof.a Dra. Nayara Camargo, Mestrando Adonias Guiome Ioiô, Prof. Dr. Leandro Passarinho
Foto: Victória Costa

CHAMADAS DE EVENTOS

CONVERSA SOBRE J. BUTLER

"Filósofa, professora e uma das mais importantes intelectuais do mundo contemporâneo, Judith Butler esteve no Brasil recentemente para promover palestras e o lançamento de sua mais recente obra: "*Caminhos divergentes: Judaicidade e crítica do sionismo*". Aproveitando esta breve passagem no país, convidamos a todos a participarem de um bate papo com o professor Ernani Chaves, sobre a autora da Teoria Queer.

Serviço:
Conversa sobre Judith Butler

Data: 15 de novembro

Hora: 17h00 às 20h00

Local: Livraria Fox – Rua Dr. Moraes, 584. Entre Rua dos Mundurucus e Av. Conselheiro Furtado."[12]

4º ENCONTRO PARAENSE DE BIOLOGIA

"A Comissão organizadora torna pública a realização do 4º Encontro Paraense de Biologia (4º EPBIO), que ocorrerá entre 16 e 18 de Novembro de 2017, com o tema "A atuação do Biólogo na Amazônia".

Serão 3 dias com diversas palestras, mesa redonda, oficinas, minicursos e apresentação de trabalhos que poderão ser submetidos até o dia 6 de novembro no ato da inscrição.

Serão abrangidas as 6 grandes áreas da biologia sendo elas: Educação, Botânica, Bioantropologia, Infectologia, Biodiversidade e Zoologia.

As inscrições ocorrem no período do dia 25 de Outubro até o dia 6 de Novembro, exclusivamente via formulário on line, disponível no site do evento.

Para outras informações: epbio2017@gmail.com https://cabiounama1.wixsite.com/4epbio fb.me/4EPBIO"[13]

[12] Arte e texto: Divulgação do evento. Retirado de: <https://www.facebook.com/events/367097387048915/> Acesso em: 05 de nov. de 2017

[13] Texto e arte: Divulgação do evento. Retirado de: <http://www.crbio06.gov.br/?n=504&l=pt> Acesso em: 06 de nov. de 2017

II SIMPÓSIO PARAENSE DE CIÊNCIA E BIOTECNOLOGIA

"O II Simpósio Paraense de Ciência e Biotecnologia - Diversidade e Inovação está sendo promovido pelo Centro Acadêmico de Biotecnologia e pela Faculdade de Biotecnologia da UFPA, de 28 de Novembro a 1 de dezembro de 2017.

O evento contará com a presença de diversos profissionais da UFPA, Instituto Tecnológico Vale, Instituto Evandro Chagas, Cliníca Oncológica, Startups e diversas empresas. Além disso, o evento conta com o minicurso de Cultura de células e sua aplicação na pesquisa científica e também o minicurso de Genética toxicológica na avaliação da segurabilidade de bioprodutos.

Os eixos temáticos abordarão áreas da saúde, meio ambiente, alimentos, entre outras.

Como se inscrever?

É bem fácil, você poderá fazer sua inscrição por meio do site: http://cabiotecufpa.wixsite.com/cabiotec e ir no tópico II SPCB - inscrição para mais detalhes.

Haverá espaço para apresentação de trabalhos, onde os melhores serão premiados, a submissão de resumos pode ser realizada até o dia 20 de novembro para o e-mail: cabiotecufpa@gmail.com. As normas para envio de resumos e mais informações estão disponíveis no site.

Inscrições no local estarão disponíveis mediante a disponibilidade de vagas."[14]

3º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA (SEBRAMUS)

"O 3º Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus) tem como objetivo proporcionar a realização de discussões acadêmicas na área da Museologia, contribuindo para a divulgação qualificada da produção científica dos professores e pesquisadores da área. Promovido pela Rede de Professores e Pesquisadores do Campo da Museologia, com apoio da Universidade Federal do Pará, esta terceira edição do Seminário pretende realizar diálogos e debates sobre a temática "Museologia e suas interfaces críticas: Museu, Sociedade e os Patrimônios".

[14] Texto e arte: Divulgação do evento. Retirado de: <http://cabiotecufpa.wixsite.com/cabiotec> Acesso em: 05 de nov. de 2017

Local: Curso de Museologia - Faculdade de Artes Visuais (Atelier e Anexo) - Universidade Federal do Pará. Belém, Pará

Data do evento: 20 a 24 de novembro de 2017

Informações e inscrições: http://www.3sebramus.org/"[15]

III JORNADA DE HISTÓRIA DO TRABALHO

"Os membros do GT Mundos do Trabalho da Associação Nacional de História/Seção Pará – ANPUH/PA têm o prazer de convidar todos os pesquisadores interessados em submeter propostas de apresentações de trabalhos originais, fundamentados em pesquisas empíricas, debates teóricos e metodológicos e balanços da produção acadêmica que possibilitem o diálogo com estudiosos preocupados com temas semelhantes para a III Jornada de História do Trabalho, promovido pelo GT Mundos do Trabalho na Amazônia. O evento será realizado entre os dias 29 de novembro e 01 de dezembro de 2017, nas dependências da Universidade Federal do Pará (UFPA), na cidade de Belém, Brasil.

Informações: https://mundosdotrabalhopa.wixsite.com/jornada

Data do evento: 29 de novembro a 01 de dezembro de 2017

Local do Evento: Laboratório de História – Universidade Federal do Pará. Belém, Pará"[16]

II SEMINÁRIO AMAZÔNICO DE HISTÓRIA E NATUREZA

"O evento acontecerá entre os dias 05 e 07 de dezembro de 2017 no auditório Alexandre Rodrigues Ferreira que se localiza no Parque Zoobotânico do Museu Paraense Emílio Goeldi.

O Seminário abordará questões envolvendo a atuação dos naturalistas Spix e Martius, em alusão aos 200 anos da Viagem ao Brasil. As palestras buscarão apresentar discussões interdisciplinares envolvendo o contexto histórico, linguístico, botânico entre outras áreas do conhecimento, permitindo-nos refletir sobre o século XIX no Brasil, com

[15] Texto e arte: Divulgação do evento. Retirado de: <http://www.3sebramus.org/> Acesso em 05 de nov. de 2017

[16] Texto e arte: Divulgação do evento. Retirado de: <https://mundosdotrabalhopa.wixsite.com/jornada> Acesso em 05 de nov. de 2017

destaque para a Amazônia e a perspectiva ambiental.

Professores e pesquisadores: R$ 15,00

Pós graduandos: R$ 10,00

Graduandos: R$ 5,00

ISENÇÃO
Alunos de graduação contemplados com bolsas de assistência estudantil da UFPA podem solicitar isenção do pagamento da taxa de inscrição do Seminário. O aluno deverá encaminhar para o email do evento os dados de inscrição e documento comprovando ser de assistência estudantil

Link para inscrições: http://2sahn.webnode.com/eventos/

Lugar do Evento: Parque Zoobotânico do Museu Emílio Goeldi – Av. Magalhães Barata – n. 376. Belém

Datas: 05 a 07 de Dezembro de 2017"[17]

II SIMPÓSIO DE NEUROCIÊNCIAS E COMPORTAMENTO

"O Programa de Pós-Graduação em Neurociências e Comportamento da UFPA promoverá o II Simpósio de Neurociências e Comportamento (II SiNeC).

Será realizado no dia 15 de dezembro de 2017, no auditório do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará, em Belém, Pa. Tem como tema principal "Interfaces entre Cérebro e Comportamento no Cenário Amazônico", com o intuito de incentivar um encontro entre profissionais e estudantes de diversas áreas do conhecimento e valorizar as pesquisas da nossa região.

Inscrições

Inscrição individual R$ 25,00 (para estudantes e profissionais)

Inscrições em grupo (de 5 pessoas) R$ 20,00 cada participante

Há duas formas de inscrição:

1 - Pelo link:

https://goo.gl/forms/dLJVLAQ03QYnfy9i1

2 - Entre em contato com a comissão organizadora e agende um horário para sua inscrição presencial.

SUBMISSÃO DE TRABALHOS

Submissão: De 30 de outubro a 30 de novembro de 2017.

Informações:

ufpasinec@gmail.com

https://www.facebook.com/IISiNeC/

http://sinecufpa.blogspot.com.br/"[18]

[17] Texto e arte: Divulgação do evento. Retirado de: <http://2sahn.webnode.com/> Acesso em: 05 de nov. de 2017

[18] Arte: Divulgação do evento. Texto: Alice Palmeira - Assessoria de Comunicação da UFPA. Retirado de: <https://www.portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/7536-esta-aberto-o-periodo-de-submissao-de-trabalhos-para-o-ii-simposio-de-neurociencias-e-comportamento> Acesso em 05 de nov. de 2017

CHAMADAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS

Boletim Informativo

Discentes PPGA/UFPA

O Boletim Informativo dos Discentes PPGA/UFPA, está recebendo em fluxo contínuo publicações com previsão para publicação bimestral.
Sugerimos aos colegas que tratem como uma oportunidade para publicar:
**Resumos de trabalhos apresentados em comunicações, mesas redondas ou quaisquer outros eventos;*
**Arte final de banners expostos em eventos, seguidos de um breve resumo acerca do assunto exposto;*
**Descrições ou detalhamentos de experiências técnicas, acadêmicas ou profissionais;*

Pede-se que sejam seguidas as normas da da *Revista Amazônica* para publicação.

Para outras publicações, favor considerar:
Notícias de Pesquisas em Andamento
As notícias de pesquisas em andamento deverão ter no máximo 2 páginas, incluída a bibliografia. São aceitas até três ilustrações (fotos ou figuras) e um mapa de localização da área da pesquisa. Ilustrações devem ser fornecidas em arquivos JPEG ou TIF com resolução superior a 300dpi. A lista com as legendas deverá vir em arquivo separado.
Resenhas de Livros ou Teses
Podem ser feitas resenhas de livros ou teses até dois anos após sua publicação ou defesa. As resenhas devem ter no máximo cinco (05) páginas, incluída bibliografia. O autor deve fornecer ilustração da capa do livro, que pode ser escaneada e salva em arquivo JPEG ou TIF, com resolução igual ou superior a 300dpi. Não serão aceitas outras ilustrações, fotos ou mapas para esse tipo de contribuição.
Resumos de Teses e Dissertações
Podem ser encaminhados resumos de teses ou dissertações pelo próprio autor. Os resumos não podem ter mais do que duas (02) páginas, incluída a bibliografia. Não são aceitas fotos ou figuras para acompanhar os resumos de tese.
Ensaios Fotográficos
Ensaios fotográficos serão aceitos no número máximo de dois por edição, devendo versar sobre temática antropológica relacionada à Amazônia, outros regiões-tropicais ou ainda regiões e temas que se relacionam de maneira inequívoca com temas de interesse do Boletim.
As propostas de ensaios fotográficos serão examinadas e selecionadas pelos Editores, que se encarregarão de selecionar os ensaios a serem publicados no periódico. Os ensaios fotográficos serão compostos de no mínimo 4 (quatro) e no máximo 10 (dez) fotografias. O autor deverá fornecer o título do ensaio, um pequeno texto introdutório com até 250 palavras, legendas e créditos para as fotos. O fotógrafo deverá ser necessariamente o autor ou um dos autores do ensaio. As fotos deverão ser enviadas em meio digital, com resolução igual ou superior a 300 dpi, podendo ser em cores ou P&B.

Horizontes Antropológicos

A Revista Horizontes Antropológicos (Qualis A1) ligada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) divulga os Dossiês Temáticos de suas 53ª e 54ª Edição. A saber, respectivamente:

"**Antropologia dos Museus**

Organizadoras:
Maria Eunice Maciel (UFRGS)
Regina Abreu (UFRGS)
Prazos para submissão de artigos: de 01/10/2017 a 31/01/2018
Previsão de lançamento: janeiro de 2019"

"**Antropologia e Emoções**

Organizadoras:
Ceres Gomes Vitória (UFRGS)
Maria Claudia Coelho (UFRJ)
Prazos para submissão de artigos: de 01/02/2018 a 31/05/2018
Previsão de lançamento: maio de 2019"

Link para a revista: <https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/>

A Revista Mundo Amazónico (Qualis B3) ligada ao Instituto Amazónico de Investigaciones (ISAM) da Universidad Nacional de Colombia (UN) e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), está com chamadas abertas para seu Dossiê Temático "**Territorios indígenas y conflictos transfronterizos"** a ser publicado em sua edição do segundo semestre de 2018. A saber:

"El dossier recoge algunas de las ponencias propuestas o presentadas en el simposio de similar nombre realizado durante el II Congreso de los Pueblos Indígenas de América Latina CIPIAL II en Santa Rosa, La Pampa Argentina. El ámbito de las contribuciones se refiere a la situación y los conflictos territoriales de los pueblos indígenas en zonas de frontera nacional e internacional con énfasis en la región amazónica aunque buscando un diálogo inicial con problemáticas similares ocurridas en América Central o el Caribe."[19]

Prazo para submissão: 31 de janeiro de 2018

Previsão de publicação: segundo semestre de 2018

Link para a revista: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/imanimundo>

[19] Texto: Divulgação do Dossiê.

Boletim Informativo
Discentes PPGA/UFPA